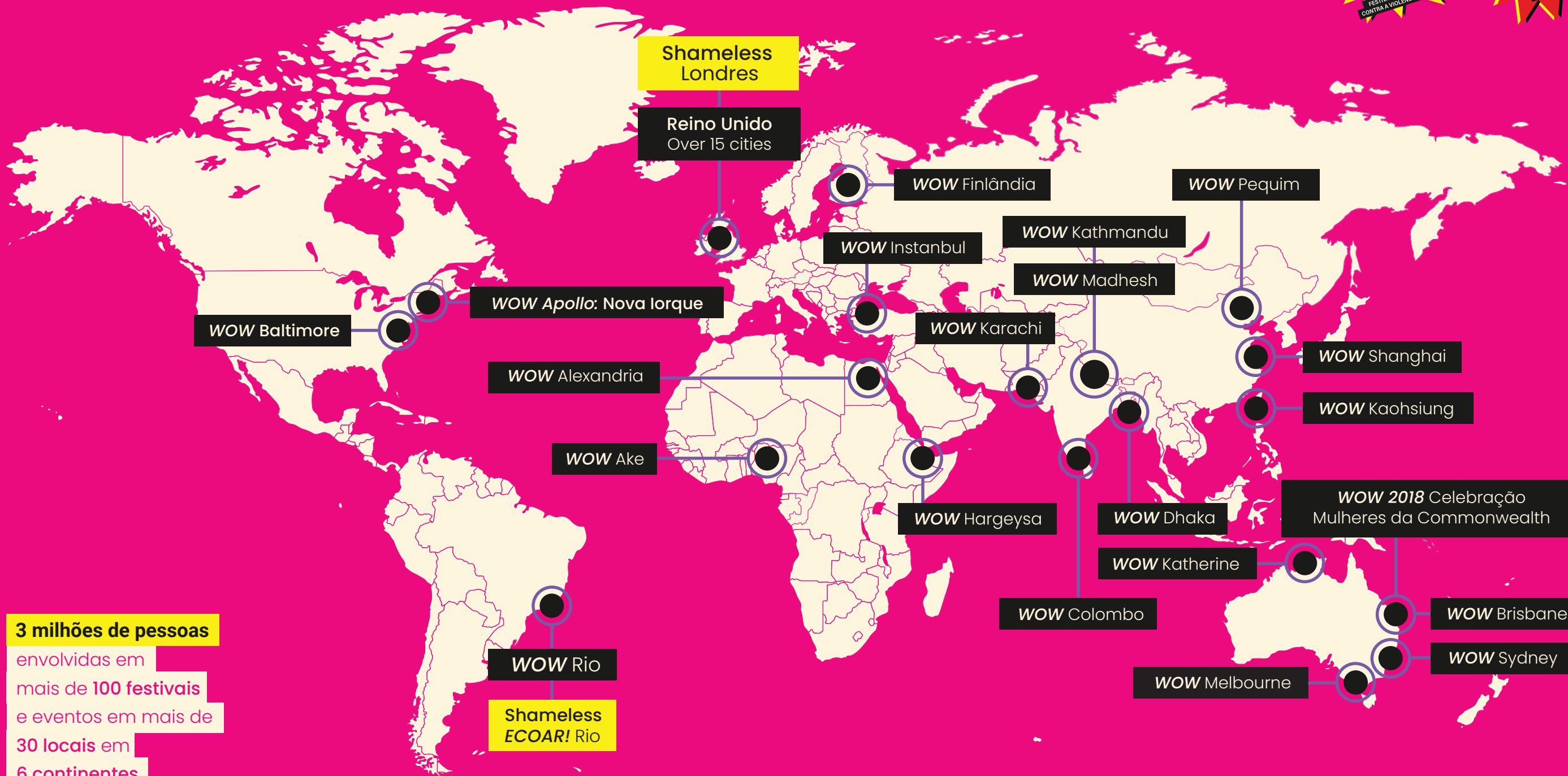




SHAMELESS
ECOAR!
FESTIVAL DE ATIVISMO
CONTRA A VIOLÊNCIA SEXUAL





3 milhões de pessoas

envolvidas em
mais de 100 festivais
e eventos em mais de
30 locais em
6 continentes,
desde 2010 e crescendo...



SUMÁRIO

6 CARA LEITORA E LEITOR

Seja bem-vindx a mais uma edição da revista WOW - edição ECOAR!

ELIANA SOUSA SILVA

8 COLUNISTA CONVIDADA

Você sabe o que é necroinfância?

CAROLINE AMANDA

10 FÓRUM DE VIVÊNCIAS

Pílulas de aprendizados nas mesas do ECOAR!

DA REDAÇÃO

12 WOW CULTURA

Livros e documentários para entender melhor a violência sexual

DA REDAÇÃO



14 COMPARTILHANDO TRAJETÓRIAS

O Festival ECOAR!

AMANDA CÉLIO

22 WOW MUSICAL

Larissa, a luz da potência e da representatividade

HANANZA

26 DIÁLOGOS

Com a palavra sobre aborto legal, a ativista Débora Diniz

AMANDA CÉLIO

28 COMPARTILHANDO TRAJETÓRIAS

Criola comemora 30 anos de fundação e três décadas do movimento de mulheres negras com resgate da herança das ialodês

AMANDA CÉLIO

32 ROLÊ WOW

De Rolê no Wow

36 CONHEÇA AS COLABORADORAS E COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Seja bem-vindx a mais uma revista WOW – edição ECOAR!

É difícil apresentar uma revista com um assunto tão delicado e dados tão alarmantes, mas ao mesmo tempo, fugir da realidade triste que nos cerca não pode ser uma opção.

Para debater e influenciar mudanças de atitudes em relação à violência sexual e também formar um espaço para compartilhar ideias e imaginar um mundo livre de qualquer tipo de violência sexual é que aconteceu, em setembro de 2022, a primeira edição do Festival Ecoar – Festival de Ativismo para Enfrentamento da Violência Sexual. A iniciativa é inspirada e promovida em parceria com o Festival Shameless!, evento de um dia que reuniu, em 2021, na cidade de Londres, ativistas, artistas e pesquisadores.

Capitaneado pelo projeto SHaME, da Universidade de Birkbeck (Londres), o encontro foi promovido em parceria com a Fundação WOW, que é a criadora do ‘WOW - Festival Mulheres do Mundo’. No Brasil, o Shameless! ganhou a versão brasileira com o nome “Ecoar”, e inaugura sua edição no Rio de Janeiro com curadoria e produção da ONG Redes da Maré, responsável pela realização do ‘WOW - Festival Mulheres do Mundo’ - Rio de Janeiro.

Os dados que nos preocupam vem do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, que aponta que 76,5% das violências sexuais contra crianças e adolescentes aconteceram em casa. 82,5% dos agressores em casos contra crianças e adolescentes eram pessoas conhecidas das vítimas. 85,5% das vítimas são meninas, mas meninos também são vitimados. Há duas principais hipóteses para esta diferença: a de que meninos são mais respeitados conforme vão crescendo; e a de que o constrangimento gerado

pelo machismo estrutural impeça a denúncia de casos contra meninos.

Também mostra que 45% das mulheres declaram ter sido tocadas sem consentimento em local público. 41% foram xingadas ou agredidas por dizerem “não” a uma pessoa que se interessava por elas. 31% sofreram tentativa de estupro ou abuso sexual. 88,2% das vítimas de estupro são mulheres e 52,2% são mulheres negras.

O grande desafio de realizar um festival como o WOW é poder reunir as vozes, experiências e ideias das mulheres do Rio de Janeiro, com toda a sua diversidade. O objetivo é colocar as mulheres do mundo todo para conversarem entre si e, dessa forma, buscarem caminhos para tornarem suas vidas e a sociedade a sua volta melhores, com mais igualdade entre homens e mulheres. Na mesma perspectiva é que também nasce a terceira edição da nossa revista WOW - edição especial ECOAR.

Por aqui vamos trazer os principais temas levados ao nosso Festival, com palestrantes e especialistas que debateram com a gente neste dia reflexivo, com 12 horas de programação. Justiça reprodutiva e aborto legal, necroinfância, livros e documentários para entender melhor a violência sexual, um pouco de música com Larissa Luz e celebração pelos 30 anos da ONG Criola e quatro do Festival WOW no Rio de Janeiro.

Vamos nessa?
Boa leitura e até a próxima,
ELIANA SOUSA SILVA

* Dados do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2022.

* Pesquisa do Instituto Patrícia Galvão e IPEC/2022.

NÃO É

NÃO!

Sua luta é minha luta

NECROINFÂNCIA: chancela de origem colonial que expõe crianças negra ao abuso e violência sexual.

MAS O QUE É NECROINFÂNCIA?

Desenvolvido por Renato Nogueira, o conceito foi cunhado para discorrer sobre o conjunto de práticas, técnicas e dispositivos que não permitem que as crianças negras gozem da infância, objetivando então sua morte simbólica e concreta.

É certo que juridicamente, no Brasil, existem leis que delimitam as fronteiras da infância, com destaque para o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) como um importante recurso legal para assegurar direitos civis. No entanto, nas periferias, favelas e comunidades, territórios de maioria negra, esse estatuto costuma ser acionado sempre pelo seu caráter punitivo e/ou sócio educativo e quase nunca pelo seu viés assegurador dos direitos civis. É comum vê-lo acionado para reduzir crianças pretas e pobres como “de maior” e “de menor”, categoria que sequestra identidade e suprime a humanidade.

Assim, o transcorrer histórico que marca a presença africana em Diáspora forçada nas Américas, me leva a esboçar um entendimento confessadamente ideológico que busca ver a realidade à luz de casos fáticos e emblemáticos de seletividade sócio racial, aqui com destaque para as infâncias em espaços de maioria negra de onde partimos: ruas, favelas, periferias do Brasil.

Segundo os dados Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, divulgado em junho de 2018, entre as adolescentes vítimas de violência sexual 76.716 (92,4%) eram do sexo feminino e 6.344

(7,6%) eram do sexo masculino. Do total, 67,8% estavam na faixa etária entre 10 e 14 anos, 55,5% eram da raça/cor negra, 7,1% possuíam alguma deficiência ou transtorno, sendo que as notificações se concentraram nas regiões Sudeste (32,1%), Norte (21,9%) e Sul (18,8%).

Antes que você refute e argumente que esse comportamento não faz mais parte do pensamento social brasileiro, quero te apresentar a hegemonia racial como conceito, com intuito de visibilizar a natureza racial da violência e da discriminação e acrescentar ainda que tal arranjo se sustenta em fatores culturais e ideológicos tecidos com base numa identidade nacional. Afinal, para garantir o poder e a dominação sobre corpos em contexto de colonização, não seriam utilizados apenas métodos de violência e aplicação de leis, mas também o uso permanente de um *modus operandi* fundamentado na hegemonia racial.

Você já parou para pensar sobre como essa informação presente e reforçada na memória coletiva pode naturalizar a hipersexualização e por consequência a violência sexual contra as crianças negras hoje?

Em suma, o pensamento que estou

compartilhando objetiva elucidar que aquilo que os teóricos do falido projeto de “igualdade racial” entendem como “racismo Institucional”, ou seja, falhas no dever do Estado de prover de modo isonômico os direitos fundamentais, sociais, políticos e econômicos na realidade não correspondem a falhas do sistema democrático de direitos no que toca ao seu dever de tratar de maneira igualitária os seus “cidadãos” em escala local. Vejamos por esse exemplo o seguinte depoimento:

“Eu precisava trabalhar, então deixava ela com a vizinha que cuidava da minha casa, mas às vezes a menina ia em casa e ele se aproveitava desses momentos. Ele sabia os nossos horários, ele tinha acesso livre em nossa casa. Ele se aproveitou. Nunca poderia desconfiar dele. Nunca imaginamos. Foi triste”, completa Ana Laura.

Como podemos ver as questões estruturais fragilizam famílias negras e pobres, tornando parte expressiva das crianças filhas deste solo mais suscetíveis ao abuso e violência sexual. Entendo que a obstrução do acesso de direitos básicos das crianças negras e suas famílias tais como saúde, educação, trabalho, emprego e renda não acontece necessariamente por ineficácia do sistema, mas ao contrário, por eficiência de dispositivos inconfessos de dominação e organização social que culminam, conseqüentemente, em formas diversas e conexas de

criminalização e morte massiva de um povo em escala transnacional. Ação que é viabilizada também por profissionais e instituições responsáveis pelas saúdes, subjetividades e educação das crianças e adolescentes, que infelizmente, muitas vezes, não reconhecem a condição da infância em crianças negras e reforçam o potencial letal da Necroinfância.

POR ONDE COMEÇAR?

Sinto que é preciso aprofundar a abordagem apresentada para perseguir, pesquisar e expandir escritórias acerca da afroperspectiva negro diaspórica, indígena, andina, latina, não branca e contra colonial sobre infância.

Afinal, “se a morte de crianças negras é resultado de uma infância que não as acolhe, precisamos alargar a infância e fazer com que elas estejam dentro”.



CAROLINE AMANDA

É matrigestora da Yoni das Pretas, uma comunidade multiplataforma de cura e educação e que promove, a partir da realização de diferentes atividades e vivências, o desenvolvimento integral de mulheres e pessoas com útero, sobretudo negras.

“Ele sabia os nossos horários, ele tinha acesso livre em nossa casa. Ele se aproveitou. Nunca poderia desconfiar dele. Nunca imaginamos.”

Pílulas de aprendizados nas mesas do ECOAR!

Tentamos diluir um pouco nas próximas páginas alguns dos momentos marcantes do Festival, com convidadas que fizeram a diferença. Confira:

Menos de 8% das maternidades são acessíveis a gestantes com deficiências no Brasil.

Apenas no ano passado, a categoria “deficiência” ganhou visibilidade no Atlas da Violência, devido à mobilização dos movimentos de enfrentamento à violência contra as mulheres com deficiência. Vale lembrar que a perpetração de violência contra pessoas com deficiência é proporcionalmente maior.

No ECOAR WOW, esse assunto não passou batido. Andréia Oliveira e Sabrina Oliveira conversaram na mesa “Violência obstétrica e violação de direitos das pessoas com deficiência” sobre os desafios e cotidiano de mães surdas na gestação e parto dentro dos ambientes de saúde, considerando que a violência obstétrica possui contornos mais agudos nas experiências de mães surdas. Quais estratégias a partir da relação entre educação em saúde e práticas acessíveis podem contribuir para um cenário inclusivo?

Andréia Oliveira é educadora no Museu de Arte do Rio, intérprete de LIBRAS, doula e educadora perinatal. É pedagoga em formação pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, atuante em prol da acessibilidade e pesquisadora do feminismo negro e surdez.

“Na nossa cultura o amor é você cuidar, não interessa quem”

Na mesa “Consentimento e representações das sexualidades e masculinidades e violência sexual”, foi debatido como falar das construções acerca de corpos e sexualidades pode ajudar a prevenir e denunciar casos de abusos. Uma conversa sobre cuidado e experimentações com corpos na infância e na adolescência, a partir dos atravessamentos raciais e sociais sobre esses corpos e da sexualidade para além das relações sexuais. Confira um trecho da fala de Potira Guajajara, liderança indígena feminina da aldeia Maracanã:

“A gente não podia nem falar que era indígena em alguns lugares, por causa do preconceito. É que nem em relação ao indígena pintado. As crianças chegavam nas escolas e as professoras diziam que elas estavam sujas. Para elas entenderem, é muito difícil. Nossa cultura é apagada.

A gente passa por vários tipos de violências. É um tema muito difícil para nós. O que acontece com a gente é como se não tivesse acontecido. Matam mulheres e crianças e nada disso é visto. É difícil para a gente discutir isso, porque são muitas violências. Vi minha filha com três anos passando por spray de pimenta.

Agora, teremos um grande ritual dos Guajajara que é da menina moça. Aí, eles falam que os indígenas fazem esse ritual, em que uma menina se torna adulta e livre se quiser casar ou fazer outras coisas. Falam que isso é um tipo de violência, mas é a cultura de um povo. É a cultura do povo que não é respeitada.”

A violência sexual a partir dos marcadores de gênero, raça, classe e território

Convidamos a professora e escritora Andreza Jorge à mesa “Ciclos de violências e caminhos de enfrentamento”, um espaço de convergência para pensar caminhos de enfrentamento ao ciclo de violência sexual, considerando-a como expressão de uma estrutura que persiste e de um sistema de relações de poder.

“Quando a gente pensa sobre ciclos de violência com foco muito específico até na violência sexual, é ainda imprescindível que haja um recorte histórico e social sobre esse fenômeno. Porque se a gente já traz esse conceito, essa ideia de ciclo de violência, estamos partindo do pressuposto de que é algo ininterrupto, que segue acontecendo e que atravessa as gerações.

E se a gente fala de algo que atravessa gerações, é preciso levar em consideração marcadores históricos e estruturais que são fundamentais para entender esse cenário. Por que esse tipo de ação, por que que essa prática, por que que essa opressão tão estrutural acontece de forma diferente para determinados corpos?

Então, pensar sobre ciclo de violência com foco na violência sexual já nos lança diretamente na necessidade de compreender que alguns corpos são socializados

de formas mais vulneráveis a sofrer essas violências geracionais. Essas violências acontecem em ciclos. A gente está falando do Brasil, mas poderia estar falando do continente americano como um todo. É um continente que já nasce em uma estrutura colonial, que é uma estrutura opressora a partir de marcadores raciais, que surge a partir da opressão de indivíduos.

A partir dessa opressão contra indivíduos, que são racializados como negros e indígenas, por exemplo, a gente tem o colonialismo como um fato histórico. Negros e indígenas que foram escravizados e são grupos étnicos muito importantes, pois são muito presentes nesse continente, foram oprimidos ao longo de todos esses anos a partir dessa condição étnica.

E aí, quando a gente está falando de outro recorte, que é o gênero, a gente traz também essa pressão contra mulheres, e ao agregarmos a relação racial, a gente vai ter algo que estrutura essas relações durante anos, desde o início dessas nações. A gente tem o cenário de violência que é reproduzido, reatualizado sobre corpos específicos, isso é, de uma maneira desigual.

Quando eu falo que a gente precisa discutir a violência sexual, é óbvio que é um tema que chama toda a sociedade, todos estão suscetíveis a essas violências em diferentes esferas. Mas a gente precisa tentar olhar para esses grupos históricos de forma diferente. A gente não pode falar de violência sexual de forma universal”.



Livros e documentários para entender melhor a violência sexual

DA REDAÇÃO

Tão importante quanto denunciar, é falar sobre o assunto e expor casos que não só causam indignação, mas escancaram padrões. A maioria das histórias sobre assédio sexual tem uma linha de desenvolvimento parecida, o que pode ajudar as vítimas e suas famílias. Vítimas de assédio podem demorar até 21 anos para entender realmente o que aconteceu, e o estalo pode se dar ao ver um filme, por exemplo.

Obras infantis que abordam de maneira educativa temáticas relacionadas ao abuso sexual também podem ajudar os pais a introduzirem o assunto com os filhos. De forma lúdica e divertida, a leitura desses livros que falam sobre abuso sexual infantil pode ensinar às crianças as diferenças entre os corpos de meninas, meninos e adultos, além de outros aspectos, como intimidade e consentimento, sentimentos e tipos de toques de carinho e abusivos.

A revista WOW separou uma lista para você compartilhar com amigos e família.

DOCUMENTÁRIOS

Exame de Consciência

Miguel Hurtado é um dos personagens do documentário da Netflix de 2019, que relata casos de abuso sexual que aconteceram em instituições católicas da Espanha. O documentário averigua alegações de abuso sexual infantil com entrevistas com vítimas, clero, jornalistas e especialistas.

Crimes em Deli

A série indiana ganhadora de um Emmy Internacional tem 6 episódios, com cerca de 1h de duração cada, é baseada em um crime de estupro coletivo que ocorreu em Nova Deli, em 2012. A série foi feita após uma pesquisa nos arquivos da polícia de Nova Deli e acompanha a determinada detetive Varthika Chaturvedi em sua caça para encontrar os culpados pelo crime, que resultou em uma morte, em dezembro de 2012.

Nevenka: Assédio Sexual em Espanha

O documentário tem três episódios de cerca de 40 minutos cada e conta a his-

tória de Nevenka Fernández, conhecida por ser a primeira mulher a denunciar Ismael Álvarez, na época prefeito da cidade de Ponferrada, por assédio sexual durante o período em que ela trabalhou com ele como vereadora. Depois de muito tumulto, protestos contra a sua decisão e diversas horas nos tribunais, ela venceu o processo e ficou reconhecida por essa conquista até hoje.

Athlete A: Abuso de Inocência

O documentário de 1h 43m, lançado em 2020, relata o caso recente de ginastas que denunciaram Larry Nassar, até então médico da seleção olímpica dos EUA, por abuso sexual. Também acompanhamos os depoimentos dos repórteres que evidenciaram a história sobre os abusos sexuais cometidos pelo médico e também o depoimento de grandes ginastas, como Maggie Nichols.

Sex Education

Um dos seriados queridinhos da Netflix, Sex Education traz discussões importantíssimas que podem ajudar muitos jovens a entenderem questões que envolvem

sexo e consentimento. Recebeu elogios por seu charme, humor, atuações e manipulação de temas e tópicos maduros.

LIVROS INFANTIS

Pipo e Fifi

Premiado livro infantil que ensina a diferenciar toques de amor de toques abusivos, apontando caminhos para o diálogo e a proteção. O livro de Caroline Arcari, com ilustrações de Isabela Santos, é voltado para crianças a partir dos 3 anos de idade e aborda conceitos básicos sobre o corpo, sentimentos, convivência e trocas afetivas.

A Mão Boa e a Mão Boba

A obra mostra como as diferenças entre uma mão amiga e uma mão abusadora são sutis. Numa linguagem simples, a história escrita por Renata Emrich e ilustrada por Erica Ianni busca orientar as crianças sobre pedofilia, e assim contribuir para a prevenção do abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Antônio

O título do livro é também o nome do personagem principal da história, um menino de 7 anos que adorava brincar e sonhava em ser mágico e saber voar. De um dia para o outro, porém, seu comportamento mudou e ele se tornou uma criança agressiva e deprimida. Escrita por Hugo Monteiro Ferreira, com ilustrações de Camila Carrossine, a obra tem o objetivo de estimular crianças pequenas a terem coragem de denunciar os abusos e também ensiná-las a se proteger.

O Segredo Segredíssimo

Adriana é uma menina triste que tem um “segredo segredíssimo”. A sorte dela é que sua amiga Alice é muito esperta, e ao saber do segredo, dá à Adriana um “conselho conselhíssimo”. Adriana segue o conselho e sua vida muda para melhor. Por meio dessa história, a autora Odívia Barros e a ilustradora Thaís Linhares tratam da questão do abuso infantil.



o Festival
ECOAR!





FESTIVAL MULHERES
DO MUNDO

Festival Ecoar debateu crise global da violência sexual em setembro, com mais de 12 horas de programação, num espaço para trocar experiências e construir redes para profissionais da educação, da saúde, da proteção social, pesquisadores, artistas e ativistas

**POR AMANDA CÉLIO
COM AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO**

Somos o país do futebol, da feijoada, do sorriso largo, da cidade maravilhosa, mas também o país que registra um estupro a cada 8 minutos e um crime sexual a cada 10. Os números da violência de gênero seguem alarmantes por aqui. Dados do 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública revelam que as mulheres continuam sendo as principais vítimas do crime, com 56.667 registros (85,7%).

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública alerta para a imensa subnotificação que cerca o fenômeno da violência sexual no país, fruto do medo, sentimento de culpa e vergonha com que convivem as vítimas, e até mesmo o desestímulo por parte das autoridades. Entende-se como violência sexual: estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, impedir o uso de métodos contraceptivos ou forçar a mulher a abortar, forçar matrimônio, gravidez ou prostituição por meio de coação, chantagem, suborno ou manipulação e limitar ou anular o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher.

Para debater e influenciar mudanças de atitudes em relação à violência sexual e também formar um espaço para compartilhar ideias e imaginar um mundo livre de qualquer tipo de violência sexual é que aconteceu, em setembro de 2022, a primeira edição do Festival Ecoar – Festival de Ativismo para Enfrentamento da Violência Sexual. A iniciativa é inspirada e promovida em parceria com o Festival Shameless!, evento de um dia que reuniu, em 2021, na cidade de Londres, ativistas, artistas e pesquisadores.

Capitaneado pelo projeto SHaME, da Universidade de Birkbeck (Londres), o encontro foi promovido em parceria com a Fundação WOW, que é a criadora do ‘WOW - Festival Mulheres do

Mundo’. No Brasil, o Shameless! ganha versão brasileira com o nome “Ecoar”, e inaugura sua edição no Rio de Janeiro com curadoria e produção da ONG Redes da Maré, responsável pela realização do ‘WOW - Festival Mulheres do Mundo’ - Rio de Janeiro. A proposta do Encontro Ecoar é fomentar diálogos multidisciplinares que, de maneira segura, pautem de forma responsável uma perspectiva global sobre a violência sexual.

O encontro abordou três temas principais: ativação de redes coletivas de apoio; corpo e violência sexual; linguagens políticas e pedagógicas.

Segundo Eliana Sousa Silva, uma das curadoras do Ecoar e diretora da Redes da Maré, a proposta era fornecer um espaço seguro e aberto para a expressão individual e coletiva, onde se constrói solidariedade e incentivo a mudanças de atitudes na sociedade. “Queremos contribuir para superar a vergonha frequentemente associada em falar sobre violência sexual, criar e fortalecer redes de apoio, e dar a todos a chance de dizer às sociedades: basta, isso deve acabar!”. Portanto, neste primeiro encontro, queremos também situar a violência sexual no contexto de outras violências estruturais em diálogo com pessoas interessadas ou implicadas nessas temáticas. Será, também, um espaço de troca e construção de redes para profissionais da educação, saúde, proteção social, pesquisadores, artistas e ativistas, com especial referência aos agentes sociais atuantes no conjunto de favelas da Maré e Região Portuária do Rio de Janeiro”, afirmou.

A acadêmica Joanna Bourke, pesquisadora principal do projeto SHaME, reforça: “o abuso sexual e a violência afetam cada um de nós. Este festival busca oferecer espaços seguros para compartilhar nossas experiências, explorar formas criativas de

abordar o problema e pensar em estratégias para erradicar o flagelo do abuso. Juntos, podemos dismantelar a cultura do estupro e criar mundos mais justos.”

Jude Kelly, CEO e fundadora da Fundação WOW, pontua a importância da parceria com o Brasil: “Quando Joanna e eu nos sentamos para criar um festival que nos permitisse falar abertamente e sem desculpas sobre a experiência de violência sexual e as atitudes da sociedade em relação às vítimas, desejávamos muito que o Brasil abraçasse a ideia. ‘WOW – Festival Mulheres do Mundo’ traz uma história de confiança, inclusão e comprometimento que tornará o evento poderoso e positivo. Isso, sem dúvida, levará a uma mudança genuína e capacitará outros a agirem.”

PROGRAMAÇÃO

No dia do encontro, as atividades ocorreram em cinco salas da Escola do Olhar, no MAR. Foram mais de 12 horas de programação, com a realização de diálogos nos seguintes formatos: Território de Partilhas, Territórios de Vivências, Trocas de Experiências, Oficinas e Formação. O espaço infantil teve contação de histórias e trocas entre as

crianças e a Feira Delas, com barracas que expuseram materiais e campanhas em torno da violência sexual, além de comidas de projetos de mulheres da Região Portuária e da Maré. A realização desse conjunto de atividades contou com a participação de mais de 50 convidados.

Um exemplo de diálogo na programação “Literatura e violência sexual”, com Ana Maria Gonçalves, Amora Moira, Eliana Alves Cruz e Paloma Franca, falou sobre consentimento e violência a partir das fronteiras entre sexualidade, afeto, prazer, dor e abuso e como a arte tem a potência de criar representações da sexualidade.

81% das mulheres não procuram nenhum serviço de atendimento após estupro

Buscar serviço emergencial após uma violência sexual é fundamental para a saúde das mulheres vítimas. No entanto, algumas barreiras, como vergonha, medo de exposição e receio de serem denunciadas para a polícia, são apontadas como complicadores, segundo a pesquisa ‘Percepções sobre direito ao aborto em caso de estupro’, realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva, em 2022.



Dados da violência sexual no Brasil

Para **89%**, a casa é o local onde ocorre a maioria dos estupros de meninas.

141 travestis e mulheres transexuais tiveram mortes violentas em espaços públicos, em 2021.

64% da população conhece uma mulher ou menina que já foi vítima de estupro.

Brasil registrou aumento de **4%** nos registros de estupro, entre 2020 e 2021.

81% das mulheres não procuram nenhum serviço de atendimento após estupro.

Mais de **25 mil** crimes de estupro contra meninas por ano no país.

Registros de violência doméstica aumentam quase **26%** em dias de futebol.

Quase metade das comunicadoras (41,9%) já sofreram algum tipo de violência devido a sua profissão.

Fonte: Violência contra mulheres em dados / Agência Patrícia Galvão

No Brasil, é importante lembrar que o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) recebe denúncias de violação de direitos humanos por meio do **Disque 100** e **Ligue 180**.

**“NÃO SEREI
UMA MULHER LIVRE
ENQUANTO AINDA HOVER
MULHERES SUBJUGADAS.”**

AUDRE LORDE

SAIBA MAIS

Linha do tempo de respostas às violências sexuais

Promulgada a Lei nº 12.015/2009, que dispõe sobre os crimes contra a dignidade sexual e altera o Código Penal de 1940. Com a alteração, além da conjunção carnal, atos libidinosos e atentados violentos ao pudor também passaram a configurar crime de estupro.

2009

Criação do Hospital Jabaquara, em São Paulo, primeiro a garantir o aborto legal no Brasil.

1989

1992

Fundação de Criola, organização da sociedade civil com foco na defesa e na promoção dos direitos das mulheres negras e na construção de uma sociedade com os valores de justiça, equidade e solidariedade. Sua importância é marcada, também, por pautar com pujança ações que consideram os recortes de raça e classe nos ativismos de gênero no Brasil.

1985

É criada a primeira Delegacia da Mulher, dedicada a acolher casos de violência de gênero.

1988

A Constituição garante o direito à saúde universal e ao planejamento familiar, amparados pelo Estado.

É criada a Lei Carolina Dieckmann, que dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos.

A lei foi apelidada com o nome da atriz pela repercussão do caso de invasão de seu computador e a disseminação de suas fotos íntimas na internet.

A atriz passou a se engajar na causa desde então e trabalhou para que a lei fosse aprovada.

2012

É aprovada a Lei do Femicídio. A partir da Lei nº 13.104, a Constituição Federal reconhece o feminicídio como um crime de homicídio.

2015

2013

A Lei nº 12.845 trata do atendimento obrigatório a pessoas em situação de violência sexual, estabelecendo que elas têm direito a um atendimento integral. O Decreto nº 7.958 estabelece diretrizes para o atendimento às vítimas de violência sexual pelos profissionais de segurança pública e da rede de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS).

2010

Funcionamento da Central de Atendimento à Mulher Ligue 180, criado para que a população brasileira, em especial as mulheres, possam receber orientações e denunciar situações de discriminação e violência de gênero, em suas diversas formas.

A importunação sexual feminina passou a ser considerada crime.

Acontece a primeira edição do Festival Mulheres do Mundo (WOW Rio), dedicado a celebrar a trajetória e a criatividade de mulheres no Brasil e no mundo.

2018

estamos aqui

2022

Primeira edição do Festival Ecoar!, de combate à violência sexual.



Larissa, a luz da potência e da representatividade

“Usar a arte como ferramenta transformadora, agregadora e como uma forma de mexer com a base da estrutura faz me sentir útil”

POR HANANZA

Em Salvador, Bahia, nasceu em maio de 1987 uma estrela que, fazendo jus a sua missão, carrega ‘luz’ em seu nome. Larissa Luz é hoje um dos grandes nomes do cenário musical, mas não só isso, além de cantora e compositora, essa baiana cheia de personalidade é também atriz, produtora, e em março deste ano, estreou como apresentadora no canal GNT, no programa ‘Saia Justa’, compondo o timaço de mulheres incríveis da bancada com Luana Xavier, Sabrina Sato e Astrid Fontenelle.

Parceira há algum tempo da Redes da Maré e presença iluminada em alguns dos projetos da instituição, foi ela quem fez o show de encerramento do Festival WOW-ECOAR, um projeto que se iniciou em Londres e nasceu da parceria da Fundação WOW, de Jude Kelly, com o projeto Shame, de Joanna Bourke, com o nome original ‘Shameless’, que teve a violência sexual como tema central. No Brasil, o projeto nomeado ECOAR teve curadoria de Eliana Sousa, diretora da Redes da Maré, e aconteceu em 24 de setembro no Museu de Arte do Rio. Foram 12 horas de programação com rodas de conversa, território de partilha, feira de empreendedorismo, oficinas e shows.

Sobre a urgência e importância da pauta do evento, Larissa disparou: “Falar sobre violência é urgente, completamente necessário, principalmente se tratando de corpos femininos, corpos negros, corpos periféricos. A gente precisa tocar no assunto e trazer as pessoas para discussão para que a gente consiga construir uma nova realidade.”

Antes disso, Larissa já havia participado de outros projetos da Redes, como a Mostra Maré de Música, subindo ao palco do Centro de Artes da Maré com a dupla Yoùn, com um pocket show na abertura da exposição sobre Conceição Evaristo, no mesmo local, e se apresentou no esquentado do ‘Festival WOW - Mulheres do Mundo’, em Fortaleza, 2019, onde também participou de uma mesa de debate.

Sobre esta parceria com a Redes da Maré, Larissa declarou: “sempre que a Maré me convidar e eu puder, eu vou estar presente, primeiro por tudo que este projeto carrega, por tudo que tem envolvido por trás de todos os projetos que a Maré apresenta, tem tudo a ver com meu discurso, com as minhas ideias e com o que eu acredito enquanto ferramenta de transformação”.



Representatividade indiscutível para mulheres negras, Larissa usa sua arte também como ferramenta política para transformar e gerar reflexão acerca da sociedade e suas estruturas racistas. Em 2016, a multiartista lançou o clipe da canção “Bonecas Pretas”, que traz uma crítica à representatividade que é negada às crianças negras com a falta de bonecas iguais a elas nas lojas, e resalta a importância das pessoas negras poderem se ver e se identificar nos espaços. Uma cena do clipe que ilustra perfeitamente a importância deste reconhecimento e identificação, é a cena onde três meninas negras se deparam com três bonecas pretas na vitrine de uma loja (uma delas interpretada pela própria Larissa), a conexão acontece de forma imediata.

Questionada sobre sua música ser também uma ferramenta política, a cantora afirmou: “Eu sempre pensei a arte como ferramenta transformadora política, social e desde muito nova eu sempre pensei a arte neste lugar, eu não queria ser famosa, eu queria fazer sucesso podendo viver das minhas criações e intervir na vida das pessoas de maneira positiva. Fazer da arte ferramenta política é hoje inerente à minha existência”.

Em seu processo de conceber a arte como ferramenta potente e conectar pessoas a partir de sua voz, Larissa Luz lançou, ao longo de seus mais de dez anos de carreira, três álbuns: *Mudança* (2012), *Território Conquistado* (2016), com o qual foi indicada ao Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa, e *Trovão* (2019), eleito um dos 25 melhores álbuns brasileiros do primeiro semestre de 2019 pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Em 2018, interpretou Elza Soares no Musical “Elza”, surpreendendo os espectadores pelo timbre muito semelhante ao da cantora. Em janeiro deste ano, a artista lançou seu novo EP “Deusa Dulov Volume 1”, com cinco faixas compostas por Larissa. Ela ainda contou com a parceria do rapper Coruja BC1, Bruno Zambelli e Tropkillaz assinando a produção. “Afrodate(dreadlov)” foi o single escolhido para anunciar o EP. A canção narra e exalta o amor afrocentrado, ratificado por Larissa no verso “Se liga na onda do preto / Viaja na onda da preta”.

Por aqui, já estamos todas ligadas na onda da preta faz tempo. Vida longa a essa potência e a essa voz. **Que seja sempre luz!**

“Que nada nos defina,
que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa
própria substância, já que
viver é ser livre.”

Simone de Beauvoir

Justiça reprodutiva e aborto legal

Com a palavra sobre aborto legal, a ativista Débora Diniz

POR AMANDA CÉLIO

Uma das ativistas mais importantes da nossa geração, Debora Diniz é antropóloga, documentarista e professora licenciada da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília – UnB. Se tornou referência na discussão sobre igualdade de gênero e saúde pública no Brasil durante epidemias.

Com a publicação, em 2016, do livro “Zika – do Sertão Nordestino à Ameaça Global” – que ganhou o 1º lugar na categoria Ciências da Saúde do prêmio Jabuti 2017 – Débora continuou seu trabalho na Anis, o Instituto de Bioética, sempre discutindo em entrevistas o impacto do Zika na vida das mulheres nordestinas. A Anis foi a primeira organização não-governamental e sem fins lucrativos voltada para a pesquisa, assessoria

ramento e capacitação em bioética na América Latina, fundada por Débora.

No final de 2017, teve início a discussão de uma ação no STF sobre a descriminalização do aborto. Como reportou o jornal digital Nexo, a Anis foi consultora de uma proposta, protocolada pelo partido PSOL, que pedia a descriminalização do aborto voluntário até a 12ª semana de gestação.

Até agosto de 2018, Débora acompanhou a proposta protocolada ao Superior Tribunal Federal e falou numa audiência pública do STF em 03/08/2018 em prol da descriminalização do aborto.

Por seu ativismo, ela passou a receber ameaças contra sua integridade física e a de seus alunos e colegas da UnB, o que a levou a prestar queixa numa Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) e entrar no Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos, do governo federal.

Com o aumento e o agravamento das ameaças, Débora teve que deixar o Brasil pouco depois de sua fala no STF. Desde então, ela tem recorrido às redes sociais como forma de exercer seu ativismo político, respaldado por mais de duas décadas de etnografias e de pesquisas teóricas. Atualmente, é pesquisadora visitante no Centro de Estudos Latino-americanos e Caribenhos da Universidade de Brown, nos Estados Unidos.

Por vídeo, a ativista participou do Festival Ecoar, na mesa sobre justiça reprodutiva e aborto legal, articulando sobre o tema a partir de sua experiência como ativista e pesquisadora e ressaltando a importância da luta pela justiça reprodutiva e da descriminalização do aborto, tecendo relações dessas questões com os contextos sociais que engendram a

violência sexual. Vale a pena conferir o que esse papo rendeu:

“Esse tema é repleto de silêncios. O aborto no Brasil, quando a pessoa que está grávida sofreu uma violência sexual, ele é um aborto legal. O que isso significa? Que essa pessoa pode procurar o serviço de saúde, não precisa ir a uma delegacia, não precisa de autorização judicial, e sua história de violência deve ser respeitada, para ser cuidada e para que a interrupção da gestação seja um direito.

Nós sabemos que há barreiras no Brasil. Seja nas escolas para escutar, para identificar, uma cena, uma criança, uma menina, uma adolescente vítima de violência. Seja nos serviços de saúde para essa vítima atravessar esse sistema e ter acesso à interrupção da gestação.

Aquilo que é uma necessidade de saúde, aquilo que é a proteção da dignidade da vida, começa a se perder em meio ao fanatismo. E nós voltamos a esquecer que estamos diante de uma pessoa que foi vítima de violência. E uma vítima de violência precisa ser cuidada, com privacidade, com escuta, com rapidez, com dignidade.

O meu pedido hoje é para que todas as vezes que esse tema bater à porta de cada uma de nós, que sejamos capazes de parar um pouquinho a intensidade das nossas emoções que foram colonizadas antes que nós nos déssemos conta pelo racismo, pela misoginia, pelo patriarcado. Isso é justiça reprodutiva, falar do direito ao aborto em caso de violência.

A explosão de sentimentos, que vem colonizada pelo racismo, pela misoginia, pelo patriarcado, nos faz esquecer que existe uma vítima de violência a ser cuidada.”

30 anos da ONG Criola

Criola comemora três décadas de fundação do movimento de mulheres negras com resgate da herança das ialodês

AMANDA CÉLIO

Nossos passos vêm de longe. E começam com os passos de lideranças negras que resistiram e lutaram pela existência de suas comunidades desde o início da diáspora negra nas Américas. Conhecidas como ialodês, essas mulheres que ousaram vislumbrar a vida e romper com a submissão seguem entre nós e serão homenageadas nas atividades e comemorações dos 30 anos da Criola.

Organização de mulheres negras fundada no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1992, Criola integra as três décadas de lutas e conquistas do movimento de mulheres negras no Brasil e é uma das responsáveis pela criação do 25 de julho como o Dia da Mulher Negra da América Latina, do Caribe e da Diáspora e Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra.

Diariamente, a herança dos valores representados por orixás femininos como Nanã, Oxum e Iemanjá é materializada na organização de diversas formas. Entre elas, destacam-se o respeito à ancestralidade, a luta por justiça e pelo Bem Viver, a ação coletiva, e o Bem Viver como uma oferta para o futuro sem violência e racismo.

“Vimos de uma história de ação política e conquistas, lutamos contra o colonialismo e a escravidão. Esse passado é que vai marcar nossa existência como ação política, e não o fato de sermos comunistas ou feministas. A mulher negra

aprendeu a lutar por seus direitos muito antes do feminismo”, explica Lúcia Xavier, assistente social e coordenadora geral de Criola. Lúcia esteve no grupo de dez ativistas negras envolvidas em diversos movimentos sociais e de favelas, que sentiram a necessidade de centrar o debate político na defesa da saúde e nos direitos das mulheres negras.

PROGRAMAÇÃO COMEMORATIVA

Ao longo de uma intensa agenda de atividades públicas e de ação coletiva em torno da defesa e ampliação de direitos das mulheres negras, da democracia, da justiça e do Bem Viver, Criola lembrou da contribuição das ialodês do passado e do presente. Os eventos envolveram ciclo de debates sobre racismo religioso e sobre racismo no sistema de justiça, mobilizações contra o encarceramento em massa de mulheres negras, debates sobre os impactos do fechamento dos espaços cívicos, denúncias e proposições junto a governos e órgãos internacionais sobre mortalidade materna, violência policial e enfrentamento do racismo na primeira infância, entre outros.

Na programação comemorativa, Criola retomou referência às guerreiras da Diáspora, como Mariana Crioula, Aqualtune e Dandara de Palmares, e às ialodês dos séculos XX e XXI, como Tia Ciata, Mãe Senhora, as Mães de Acari, Benedita da Silva, Marli Pereira da Silva, Ruth de Souza, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, entre outras.



Lúcia Xavier, coordenadora
geral da ONG Criola

HISTÓRIA

O primeiro desafio de Criola foi a denúncia sobre a esterilização em massa de mulheres negras, promovida pelo Estado com a oferta indiscriminada de laqueaduras para adolescentes e adultas. Desde então, Criola criou capacidades para fortalecer as mulheres negras como agentes de mudanças, oferecendo instrumentos, espaço de diálogo e de criação de ações voltadas para a defesa dos seus direitos, a exemplo da formação de grupos de promotoras legais populares, agentes comunitárias de saúde, e de redes de atuação para o enfrentamento da violência e da pobreza. Organizou e atuou para o fortalecimento no campo da incidência política nacional e internacional, a exemplo da criação da Articulação de Organizações Mulheres Negras Brasileiras (1999), Controle Social em Saúde (2004), Rede Nacional de Ciberativistas Negras (2017), Coalizão Negra por Direitos (2019) e, mais recentemente, Observatório de Direitos Humanos Crises e Covid-19 (2020).

Criola foi pioneira em consolidar o campo Saúde da População Negra e em tratar de temas como direitos sexuais e reprodutivos, com destaque para a morte materna e a prevenção do HIV/Aids. Para isso, publicou, em parceria com lideranças americanas, o "Livro da Saúde da Mulher Negra", obra referência nesse campo. Publicou também artigos, estudos e pesquisas em livros, manuais e boletins; promoveu e participou de conferências, seminários e encontros sobre saúde da população negra. Participou também de inúmeros processos para a criação de redes, fóruns e articulações no campo da saúde; bem como em diferentes instâncias de delineamento de políticas públicas e de controle social, a exemplo da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, da Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância - Durban

(2001) e da Marcha das Mulheres Negras contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver (2015). Foi uma das mentoras do 27 de Outubro - Dia de Luta Pró-Saúde da População Negra (2006).

Criola também foi responsável por apresentar ao judiciário denúncias de violação dos direitos das mulheres, a exemplo da ação contra a Sony Music (1997 a 2012) por ocasião da divulgação da música "Veja os Cabelos dela", do compositor e cantor Tiririca; representação pela ausência de implementação da Lei de História da África e dos Afrodescendentes (Lei 10.639 substituída pela 11.645); pelas altas taxas de mortalidade materna de mulheres negras; e sobre a ausência de negros e negras nas médias e altas hierarquias do sistema bancário dos cinco principais bancos brasileiros. Em 2022, segue atuando como amicus curie na ação civil pública proposta pela Defensoria Pública da União contra o processo de trainee para o Magazine Luiza.

Atualmente, Criola tem como objetivos: criar e aplicar novas tecnologias para a luta política de grupos de mulheres negras; produzir conhecimento qualificado por dados específicos sobre o contexto atual das questões de direitos; formar lideranças negras aptas a elaborar suas agendas de demanda por políticas públicas e a conduzir processos de interlocução com gestores públicos; incrementar a pressão política sobre governos e demais instâncias públicas pela efetivação de direitos, particularmente o direito à saúde, o acesso à justiça e à equidade de gênero, raça e orientação sexual.

CRIOLA NO ECOAR

Pensando num espaço de convergência para criar caminhos de enfrentamento ao ciclo de violência sexual como expressão de uma estrutura que persiste na história, sendo parte de um sistema de relações de poder, Lia Manso, Keila Simpson e Soraya

Silveira Simões participaram do Festival Ecoar no “Território de partilha - Ciclos de violências e caminhos de enfrentamento”.

Lia Manso é advogada, pesquisadora e ativista em direitos humanos, raça e gênero e atualmente é coordenadora de projetos em Criola. Para a nossa reportagem, ela destacou a importância que vozes de mulheres cis, trans e travestis têm para ecoar cada vez mais nesses projetos como nova forma de existir e viver. “A existência, os 30 anos de Criola, também é sobre isso: sobre o enfrentamento do racismo, de combinar para enfrentar o racismo, de se combinar para não morrer, mas também de construir um projeto que não está dado, que é da construção artesanal de mulheres negras. E o espaço criativo, de construção criativa, que está desde as nossas co-fundadoras que vêm inspiradas por tantas ialodês e mulheres negras que estão incidindo, mobilizando, construindo saberes, diversas formas na sociedade brasileira. A gente tem muito pra comemorar. Ficamos felizes, também, de celebrar os nossos 30 anos aqui no Ecoar.”

SOBRE IALODÊS

No resgate apresentado por Jurema Werneck, médica, ativista e uma das fundadoras de Criola, ialodê é o título dado a mulheres em suas comunidades e sociedades que atuam em favor daquele grupo. O conceito remete a formas organizativas ancestrais que tiveram participação importante nas ações de resistência a todas as formas de submissão, sendo posteriormente apropriado pelo movimento de mulheres negras como forma de reafirmar e valorizar a participação das mulheres negras em diferentes espaços públicos, individual e coletivamente, bem como sua capacidade de liderança e ação política. As ialodês inspiram, na atualidade, um chamado para que as mulheres sigam falando a voz de seus desejos com a radicalidade que o momento exige.



Lia Manso, coordenadora de projetos em Criola

DE ROLÊ NO WOW

Enquanto o WOW London Festival retorna para seu 13º ano, aqui no Rio de Janeiro, o Festival completa quatro anos

Toda essa potência do WOW Mulheres do Mundo aterrissou no Rio de Janeiro há quatro anos. Em 2016, Jude Kelly visitou a Redes da Maré para conhecer a Casa das Mulheres da Maré, um espaço dedicado a estimular o protagonismo político de meninas e mulheres, onde são realizadas atividades de qualificação profissional, atendimento sócio jurídico e psicológico gratuitos, além de fomento ao ativismo e engajamento nas lutas feministas. A partir deste encontro, Jude Kelly propôs à Redes da Maré o desafio de realizar um festival para reunir as vozes, experiências e ideias das mulheres do Rio de Janeiro, com toda a sua diversidade. Fundados em 2010 por Jude Kelly, os festivais WOW acontecem em mais de trinta locais em seis continentes, atingindo 5 milhões de pessoas.

A idealizadora do festival destacou que o objetivo é colocar as mulheres do mundo todo para conversarem entre si e, dessa forma, buscarem caminhos para tornarem suas vidas e a sociedade a sua volta melhores, com mais igualdade entre homens e mulheres.

“Isso não é sobre as mulheres, é sobre uma mudança do mundo, claro que para as mulheres, mas para todos também. Ao redor do mundo todo estão ocorrendo essas conversas sobre

igualdade de gênero, por diferentes razões, cada país tem uma visão. Em alguns se fala sobre empoderamento, não necessariamente sobre igualdade. O WOW sempre promove essa interseção entre temas de gênero, raça, social, integrando as mulheres. Mulheres no mundo devem conversar entre elas e dar apoio umas às outras”.

Jude ressaltou que não se trata apenas de questões relativas às mulheres, mas sim de promover uma mudança cultural e de atitudes no mundo como um todo. “Isso, portanto, envolve também os homens no processo”, disse.

DESIGUALDADE

No Rio de Janeiro, o evento é conduzido pela organização não governamental Redes da Maré. A diretora da ONG e curadora do festival no Rio de Janeiro, Eliana Sousa e Silva, disse que a desigualdade atinge as diferentes mulheres de formas diversas. A intenção do festival é reunir todos esses debates.

“Existe uma desigualdade de gênero para todo mundo, mas existem camadas diferenciadas de como essa desigualdade se expressa, porque é uma para a mulher branca e outra para a mulher preta. Existem questões específicas dessas lutas e



me causou muito impacto ter um lugar onde a gente possa conversar sobre todas essas camadas, para ter um olhar mais ampliado sobre as demandas das mulheres, não trabalhar só um aspecto”.

Eliana e Jude destacaram que o objetivo maior é formar redes de colaboração para que as mulheres continuem se apoiando em iniciativas individuais e coletivas, sendo o festival um impulsionador para iniciar novas relações entre as pessoas interessadas em temas comuns.

O Festival Mulheres do Mundo é organizado em quatro eixos temáticos: Mulheres em diálogos, com rodas de conversas e trocas de experiências; Mulheres das Artes e Culturas, com dezenas de apresentações culturais e artísticas; Mulheres empreendedoras, com o espaço Mercado Delas; e Mulheres Ativistas, que desenvolvem campanhas e atividades na sociedade civil.

WOW LONDON FESTIVAL RETORNA PARA SEU 13º ANO!

O maior e mais abrangente festival do mundo está de volta, celebrando mulheres, meninas e pessoas não-binárias

O 13º WOW London Festival é uma chance de fazer parte do movimento global e ver palestrantes, ativistas, musicistas e comediantes de classe mundial em um só lugar, enquanto nos reunimos para três dias de conversas transformadoras, apresentações incríveis e workshops interativos. Todos são bem-vindos!

No WOW, há espaço para discussões que vão de sexo à política, avó ao divórcio, esterilidade a mudanças de carreira. É uma chance tanto para as discussões mais difíceis quanto para as interações mais engraçadas que nos unem.

Os Festivais WOW são apresentados me-

diante acordo com o Southbank Centre. Apoiado pelo parceiro fundador global da WOW Foundation, Bloomberg.

PREMIADO

O projeto ‘Shameless! O Festival de Ativismo Contra a Violência Sexual’, parceria do WOW com o projeto SHaME, de Birkbeck, ganhou o prêmio de Empoderamento Público na cerimônia do Prêmio de Engajamento Público de Birkbeck.

O Festival ocorreu em novembro de 2021, no Battersea Arts Center, como parte de um projeto de três anos, financiado pelo The Wellcome Trust. Desde 2020, WOW e a equipe SHaME trabalham juntos para desenvolver, projetar e organizar um modelo de festival que centralize as vozes das vítimas e forneça uma plataforma inclusiva para conversas urgentes sobre violência sexual.

O festival de um dia contou com painéis, discussões, apresentações e muito mais, enquanto centenas de pessoas se reuniam para confrontar e mudar atitudes em relação à violência sexual, compartilhar ideias e imaginar um mundo livre de estupro. Teve poesia, oficinas, espaços de bem-estar e eventos de destaque.

Comentando sobre o projeto, os organizadores do prêmio disseram: *“Para a categoria Public Empowerment, a Birkbeck teve o prazer de anunciar o vencedor ‘Shameless! Festivais de Ativismo Contra a Violência Sexual’, liderado pela professora Joanna Bourke e pela equipe do projeto SHaME, do Departamento de História, Clássicos e Arqueologia, em colaboração com a instituição de caridade de empoderamento de mulheres e meninas, The WOW Foundation. Esta categoria reconhece projetos de destaque baseados no compartilhamento ativo e no desenvolvimento de pesquisas com o público que capacitam os envolvidos e a sociedade em geral.”*

“*Não estou aceitando as coisas
que não posso mudar,*

***ESTOU MUDANDO
AS COISAS QUE
NÃO POSSO ACEITAR.***”

Angela Davis

FALTAM

267

DIAS PARA
O FESTIVAL
WOW

Sobre a Fundação WOW

A WOW Foundation foi criada por Jude Kelly em 2018 para desenvolver o movimento global WOW - Women of the World Festivals. Os Festivais começaram no Reino Unido, em 2010, lançados por Kelly no Southbank Centre London, onde foi Diretora Artística, para celebrar mulheres e meninas, olhando de maneira franca e aberta para os desafios que as impedem de atingir seu potencial, conscientizando globalmente sobre as questões de desigualdade de gênero e debater soluções.

Até o momento, o WOW alcançou mais de 5 milhões de pessoas em 30 cidades diferentes, em seis continentes, e países como Austrália, Brasil, China, Egito, Finlândia, Nepal, Nigéria, Pa-

quistão, Sri Lanka, Somalilândia, Reino Unido e EUA. Em 2018, Kelly deixou o Southbank Center para administrar a WOW Foundation em tempo integral, uma ONG que trabalha para construir, conchamar e sustentar um movimento global que acredita em um mundo onde a igualdade de gênero é possível. Utilizando a metodologia de festivais multidisciplinares, os eventos criam inúmeros caminhos para que os participantes se integrem às iniciativas WOW, amplifiquem suas próprias causas ou iniciem novas iniciativas que tenham um amplo impacto nas comunidades. É o maior, mais abrangente e mais significativo festival dedicado a apresentar trabalhos de mulheres e promover a igualdade para mulheres e meninas.

Sobre o Projeto SHaME

SHaME (Sexual Harms and Medical Encounters) é um grupo de pesquisa interdisciplinar financiado pelo Wellcome Trust. É dirigido pela historiadora e professora Joanna Bourke e sediado em Birkbeck, Universidade de Londres. A partir de múltiplas perspectivas nas artes, humanidades e ciências sociais, é único ao se concentrar em aspectos médicos e psiquiátricos da violência sexual. Ele aborda questões de abuso

sexual infantil e adulto, tendências globais e impactos locais, narrativas de vítimas e ativismo. Uma análise sustentada do envolvimento médico e psiquiátrico com a violência sexual aborda os debates atuais sobre o tratamento de vítimas de estupro e as necessidades de justiça. O objetivo do projeto é ir além da vergonha para enfrentar essa crise global de saúde.

Colaboradoras e colaboradores da edição

ADRIANA REIS é a designer paulista responsável pelo projeto gráfico desta revista e de diversas outras publicações, identidades e elementos de comunicação (como peças para as redes sociais) para os eixos da Redes da Maré e de seus projetos, como o Festival WOW.

BIA POLICICCHIO é produtora e trabalha na área de produção e comunicação da Redes da Maré desde 2019. Ajuda a produzir e desenvolver projetos como Festival WOW, Mostra Maré de Música e editais de fomento à cultura. É editora-assistente da revista WOW.

HANANZA é formada em filosofia com MBA em marketing digital, escritora, palestrante antirracista e assessora pessoal e de redes sociais. Foi repórter por 3 anos do Canal Futura no Programa do apresentador Jairo Bouer. Atualmente trabalha na equipe de comunicação da Redes da Maré com os projetos Mostra Maré de Música e Festival WOW - Mulheres do Mundo

GEISA LINO iniciou nos projetos na Redes da Maré aos 15 anos e hoje atua como diretora, gerente de produção e coordenadora de comunicação institucional, promovendo eventos culturais como a Mostra Maré de Música, além de editais e oficinas de educação, comunicação e cultura. Também coordena a produção do Festival WOW - Women of the World Fes-

tival, o Festival Mulheres do Mundo, que acontece desde 2018 no Rio de Janeiro.

DOUGLAS LOPES é fotógrafo, artista visual, diretor de fotografia e videomaker, nascido e criado no Morro do Timbau, uma das 16 comunidades que formam o Conjunto de Favelas da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro.

AMANDA CÉLIO é jornalista de política e esporte, formada pelo Centro Universitário do Triângulo. Atua, na grande parte do tempo, em coberturas de gênero e direitos humanos. Atualmente é repórter no programa Greg News, da HBO, jornalista na Redes da Maré e editora na revista WOW Mulheres do Mundo.

ELIANA SOUSA SILVA é fundadora e diretora da Redes da Maré, curadora e organizadora do Festival Mulheres do Mundo - WOW Rio. Doutora Honoris Causa pela Queen Mary University of London e Doutora em Serviço Social pela PUC/Rio. Ao longo de sua trajetória, Eliana recebeu diversos prêmios, entre eles a Medalha Tiradentes, pela ALERJ (2022), o Itaú Cultural 30 anos (2018), o Mulher do Ano - área social, do Rotary Club do Rio de Janeiro (2005), o Mulher Claudia - trabalho social, da Editora Abril (2004) e o Ashoka Empreendedores Sociais (2000).

DEBORA DINIZ é antropóloga, professora da UnB (Universidade de Brasília) e atualmente pesquisadora visitante da Universidade Brown, em Rhode Island, nos Estados Unidos. É a convidada desta semana do Ilustríssima Conversa. é uma das mais premiadas pesquisadoras brasileiras nas áreas de gênero e direitos reprodutivos e defende que o aborto seja tratado como um problema de saúde pública.

CAROLINE AMANDA é cientista social e mestranda em Filosofia pela UFRJ, Educadora menstrual, terapeuta sistêmica e integrativa, consultora em educação e saúde sexual e docente da primeira Pós-Graduação em Ginecologia Natural do Brasil. É matrigestora da Yoni das Pretas, uma comunidade multi-plataforma de cura e educação.

ANDREZA JORGE é cria da Maré, artista, consultora de projetos, pesquisadora e ativista com foco nos temas que interseccionam gênero, raça e território. Doutoranda em Estudos de Artes da Cena na UFRJ, e em Estudos Culturais pela Virgínia Tech University; Mestre em relações Étnico Raciais pelo CEFET/RJ, Licenciada em Dança pela UFRJ, Co-fundadora do projeto Mulheres ao Vento.

POTIRA GUAJAJARA é parte da Liderança indígena da Aldeia Maracanã - RJ.

JUDE KELLY é CEO e fundadora da Fundação WOW, que realiza o WOW – Women of The World Festival (Festival Mulheres do Mundo) ao redor do mundo, movimento que celebra as conquis-

tas de mulheres e meninas e confronta injustiças de gênero.

JOANA BOURKE é professora de História na Birkbeck, Universidade de Londres, e bolsista da Academia Britânica. Ela é a pesquisadora principal do projeto SHaME (Violência Sexuais e Encontros Médicos).

LIA MANSO é advogada, pesquisadora e ativista em direitos humanos, raça e gênero. Foi membra do Núcleo de Assessoria Jurídica Popular Gabriel Pimenta (NAJUP - GP) como advogada popular. Atualmente é coordenadora de projetos em Criola.

LÚCIA XAVIER é Assistente Social, formada pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1984. Atualmente coordena CRIOLA, organização de mulheres negras com sede no Rio de Janeiro, desenvolvendo projetos no campo dos direitos humanos.

THAIS MAGALHÃES é estudante de Produção Cultural, fotógrafa, social media e trabalha como assistente de produção e comunicação da Redes da Maré desde 2021. Ajuda a produzir e desenvolver projetos como a Mostra Maré de Música, o Festival WOW e também atua na gestão de redes sociais da Redes da Maré e Mostra Maré de Música.

GRACILENE FIRMINO é cria da Rocinha, jornalista formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialista em produção de conteúdo digital e comunicação comunitária.

Expediente

Revista WOW é uma publicação anual e sem fins lucrativos.

Diretora e coordenadora de comunicação:

Geisa Lino

Editora:

Amanda Célio

Editora assistente e Produção:

Bia Policicchio

Projeto gráfico:

Adriana Reis

Fotógrafos:

Douglas Lopes, Monara Barreto e Patrick Marinho

Colunista convidada:

Caroline Amanda

Redes sociais:

Hananza e Thais Magalhães

Revisão:

Luiz Assumpção

Agradecimentos:

Bruna Montuori, Júlia Bruce, Gracilene Firmino e Marco Costa

Todo conteúdo online em
www.festivalmulheresdomundo.com.br



ECOAR!
ECOAR!
ECOAR!